



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA**

**ROGELHO SOBRINHO DA SILVA**

**FANATISMO POLÍTICO: A CHAGA QUE ANTAGONIZA O ESTADO  
DEMOCRÁTICO DE DIREITO**

**ARIQUEMES-RO  
2023**

ROGELHO SOBRINHO DA SILVA

**FANATISMO POLÍTICO: A CHAGA QUE ANTAGONIZA O ESTADO  
DEMOCRÁTICO DE DIREITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Direito do Centro Universitário  
FAEMA – UNIFAEMA como pré-requisito  
para obtenção do título de bacharel em Direito.

Orientador: Prof. Me. Hudson Carlos Avancini  
Persch.

**ARIQUEMES-RO**

**2023**

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

<p>S586f Silva, Rogelho Sobrinho da. Fanatismo político: a chaga que antagoniza o Estado Democrático de Direito. / Rogelho Sobrinho da Silva. Ariquemes, RO: Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, 2023. 45 f. Orientador: Prof. Me. Hudson Carlos Avancini Persch. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Direito – Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, Ariquemes/RO, 2023.  1. Democracia. 2. Fanatismo Político. 3. Polarização Política. 4. Chaga Política. I. Título. II. Persch, Hudson Carlos Avancini.</p> <p style="text-align: right;">CDD 340</p>
---

**Bibliotecária Responsável**  
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro  
CRB 1114/11

**ROGELHO SOBRINHO DA SILVA**

**FANATISMO POLÍTICO: A CHAGA QUE ANTAGONIZA O ESTADO  
DEMOCRÁTICO DE DIREITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Direito do Centro Universitário  
FAEMA – UNIFAEMA como pré-requisito  
para obtenção do título de bacharel em Direito.

Orientador: Prof. Me. Hudson Carlos Avancini  
Persch.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Hudson Carlos Avancini Persch  
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA

---

Prof. Me. Paulo Roberto Meloni Monteiro Bressan  
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA

---

Prof. Me. Rubens Darolt Júnior  
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA

**ARIQUEMES – RO  
2023**

*Dedico este trabalho a minha mãe,  
familiares, amigos e professores, que  
me apoiaram e incentivaram a seguir  
em frente com meus objetivos.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por ter acreditado na minha vontade de estudar desde muito cedo e por ter confiado que um dia eu concluiria o ensino superior. Com muita felicidade hoje posso dizer que ela estava certa, e que todo o esforço empenhado em me dar tudo de que precisava para concluir os meus estudos foi, enfim, recompensado.

Agradeço à minha avó por ter sido sempre uma fonte de incentivo nos meus estudos, muito empenhada no meu alcançar de notas satisfatórias na escola, ela foi peça essencial na minha luta contra a procrastinação.

Agradeço à minha família, principalmente irmãos, por terem acreditado em mim, e aguentado a minha ranzinze todos esses anos, conseguimos meus irmãos, quem diria.

Agradeço grandemente aos meus amigos, a família que nós escolhemos, por me suportarem nas reclamações, me apoiarem na conclusão desse curso, por inflarem o meu ego nos momentos de necessidade, pela compreensão quando tive que me fazer invisível nos eventos sociais e por toda a inspiração e incentivo, não vou citar os nomes, para não correr o risco de não contemplar alguém, mas saiba que os guardo no coração, perto da artéria aorta.

Agradecimento ao meu amigo, que hoje está prestes a embarcar em busca do seu sonho, por ter sido um grande amigo, e quase sócio, na maior parte destes 5 anos de curso, sempre me incentivado e me inspirando a ser um ser humano melhor, vou seguir a tradição de não citar os nomes, mas você sabe que é você.

Agradeço ao meu orientador por toda a paciência em receber meus trabalhos e etapas do TCC nos prazos finais e por todo o incentivo e dedicação ao longo destes longos anos na coordenação do curso, assim como aquela breve mensagem antes da OAB.

Um agradecimento especial à minha primeira coordenadora de curso, inspiração e grande incentivadora do meu progresso no curso de direito, sempre engajada e humana em suas colocações e durante toda a sua coordenação.

Por fim, obrigado a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse objetivo, vocês existem e são importantes para mim.

Dedico a conclusão desde curso a todos os meus amigos e familiares, saibam que independente da “opção” política de vocês, eu os respeito e os amo.

*“O fanatismo está para a superstição como o arrebatamento para a febre ou a raiva para a cólera. Aquele que experimenta êxtases, visões, que toma os sonhos por realidades e as suas imaginações por profecias, é um entusiasta; aquele que sustenta sua loucura pelo assassinato, é um fanático”*

*- Voltaire*

## RESUMO

Esta pesquisa teve por escopo analisar, conceituar e identificar o papel do fanatismo político no processo de esmaecimento da democracia brasileira, ao passo que esse mal, considerado aqui uma “chaga política”, oblitera o diálogo democrático ao impulsionar uma polarização radical inculcada no ideário político de eleitores brasileiros, concomitantemente, tateou-se ferramentas de obliteração dessa chaga. Com essa finalidade, utilizou-se o a abordagem qualitativa na análise do tema fanatismo político, objetivando perscrutar as respostas às hipóteses levantadas, se apoiando no método hipotético dedutivo para examinar e inferir os resultados da pesquisa, que se alicerçou na leitura do material bibliográfico e documental referenciados, com destaque para as obras de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, Amós Oz e Voltaire, se utilizando da modalidade básica estratégia de pesquisa, visando a análise crítica descritiva do tema e sintetizado na construção da monografia, almejando gerar impactos na esfera social, no que concerne às formas de identificação e combate ao fanatismo político que acomete a sociedade brasileira. O desfecho da monografia ressalta que o dissenso entre a esquerda e a direita políticas, ocasiona o conflito, que é essencial às democracias, entretanto, quando revestido da polarização, que é fomentada pelo fanatismo político, se oblitera a essência democrática. Na busca por contornar a aridez do debate político acometido pelo fanatismo, preceitua-se a utilização das técnicas de ironia de Voltaire e de imaginação e bom humor propostas por Amós Oz, necessárias na identificação e combate ao fanatismo, visando suscitar nos indivíduos a procura por construir pontes, escutando e debatendo ideias em detrimento da comprovação e imposição de pontos ideológicos, entendendo que assim se estará mais próximo de cumprir com os ideais de liberdade, igualdade e solidariedade prescritos na Carta Magna brasileira.

**Palavras-chave:** Democracia; Fanatismo político; Polarização.



## ABSTRACT

This research aimed to analyze, conceptualize and identify the role of political fanaticism in the process of fading Brazilian democracy, while this evil, considered here a "political wound", obliterates democratic dialogue by receiving a radical polarization instilled in political ideas of Brazilian consumers, concomitantly, tools to obliterate this sore were tried. For this purpose, a qualitative approach is used in the analysis of the political fanaticism theme, aiming to scrutinize the answers to the hypotheses raised, relying on the hypothetical deductive method to examine and infer the results of the research, which was based on the reading of the bibliographic and documental material referenced, with emphasis on the works of Steven Levitsky and Daniel Ziblatt, Amós Oz and Voltaire, using the basic research strategy modality, aiming at the descriptive critical analysis of the theme and synthesized in the construction of the monograph, aiming to generate impacts in the social sphere, in the with regard to ways of identifying and combating political fanaticism that affects Brazilian society. The result of the monograph emphasizes that the dissent between the political left and right causes conflict, which is essential to democracies, however, when coated with polarization, which is fostered by political fanaticism, the democratic essence is obliterated. In the quest to avoid the aridity of the political debate affected by fanaticism, the use of Voltaire's irony techniques and imagination and good humor proposed by Amós Oz is prescribed, necessary in identifying and combating fanaticism, seeking to arouse in individuals the search for building bridges, listening and debating ideas to the detriment of proving and imposing ideological points, understand that this way you will be closer to complying with the ideals of freedom, security and solidarity prescribed in the Brazilian Magna Carta.

**Keywords:** Democracy; Political Fanaticism; Polarization.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 FANATISMO: A CHAGA POLÍTICA QUE AFLINGE A DEMOCRACIA BRASILEIRA .....</b>	<b>15</b>
2.1 DO ESTADO DE NATUREZA À DEMOCRACIA: UMA CONSTRUÇÃO SECULAR .....	15
2.2 ESQUERDA E DIREITA: DO CONFLITO NECESSÁRIO À POLARIZAÇÃO .....	18
2.3 A POLARIZAÇÃO POLÍTICA E A ASCENSÃO DO FANATISMO.....	23
2.4 UMA HISTÓRIA DE FANTISMO: SANTIFICADA SEJA A MINHA IDEOLOGIA	27
2.5 FANTISMO POLÍTICO: A AMEAÇA AO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO BRASILEIRO E O ASCENO AO AUTORITARISMO.....	30
2.6 FORTALECIMENTO DEMOCRÁTICO: COMO ESMAECER O FANATISMO .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Diante de um cenário político hostil e polarizado, no qual cada pessoa está presa em seus próprios castelos ideológicos, emergiu a relevância dessa pesquisa, que objetiva abordar as chagas políticas que afligem a democracia, tendo como destaque o fanatismo político. A convivência em sociedade, como ilustram os filósofos, impescinde de acordos sociais, foram por meio deles e de associações que o homem sobreviveu as inúmeras adversidades ao longo da história, contudo, nem sempre as ideias e os acordos sociais são os mesmos e agradam ao todo, a história deixa claro o quanto os conflitos em torno dos desentendimentos podem custar.

Assim, na aridez do cenário político brasileiro, essa monografia almejará demonstrar introdutoriamente as diferentes correntes ideológicas que pavimentam o debate entre a esquerda e direita políticas, bem como o dilema entre conservadores e progressistas, esclarecendo como essas ideias antagônicas são necessárias, mas ao mesmo tempo - quando alimentadas por mentiras, ódio e pânico, difundidos, principalmente, por informações mentirosas e distorções da realidade - podem tornar as reações sociais extremas, comprometendo, não apenas a lógica dos indivíduos obliterando o diálogo, mas, igualmente, ameaçando a vida dos antagonistas de um, ou outro ideário político. Em concomitância a projeto trará à tona como o fanatismo ameaça à democracia e a vida dos cidadãos, trazendo como exemplos históricos: as Cruzadas, a Santa Inquisição e o Nazismo.

Doravante, no mundo virtual que mais se compara a um campo minado, quem consegue discernir o que é verdade do que é mentira tem grande vantagem e até mesmo capacidade de entender as artimanhas políticas incutidas nas campanhas partidárias, que parecem ter perdido o apreço pela verdade em prol de um único objetivo, a vitória a qualquer custo. Ciente destas artimanhas, esta monografia objetivará demonstrar como o fanatismo político é uma das que aqui se denominará como “chagas políticas” e forças motrizes da polarização política, e como ele antagoniza e ameaça o Estado democrático de direito, acenando para um governo autoritário, uma vez que, ao término desta pesquisa, se pôde constatar que o pânico moral, o populismo e o fanatismo político asseveram o ódio na política mundial e nacionalmente, dividindo o povo por meio de um aparente ideário dogmático.

Na busca por respostas, está monografia investigará e conceituará o fanatismo político, o pânico moral, e o populismo (“as chagas políticas”). Com destaque para a análise mais aprofundada do fanatismo político, investigando suas origens e evolução ao longo da história, denunciando a grande ameaça que ele representou e representa à democracia.

Concomitante, é sabido que o medo, pânico e ódio gerados pelo fanatismo político pode ser encontrado em inúmeros posts nas redes sociais, ou em agressões verbais e, nas situações mais graves, em atitudes extremas de intolerância que ocasionam a extinção do direito à própria vida. Desta forma, esta pesquisa se preocupará em entender o ideário político das duas bases políticas mais comumente rivalizadas, qual sejam a esquerda e a direita, visando entender suas ideias e buscando seus pontos de convergência e divergência, de modo a entender a crescente rivalidade entre os adeptos de qualquer uma delas, ao passo que se buscará esclarecer o papel das *fake News* na promoção do fanatismo na política brasileira, e expor quem mais faz uso dessa ferramenta sórdida do caos.

Não menos importante, os discursos progressistas e conservadores serão analisados e seus impactos demonstrados na sociedade atual, assim como seu papel na asseveração das rivalidades entre seus adeptos, que são a todo tempo enganados por seus próprios aliados em prol do aniquilamento da candidatura de opositores políticos e, até mesmo, dos adeptos de uma ou outra posição política. A meta pretendida pelas duas pontas do extremo político parece ser a total submissão da outra parte ao seu ideário político, ao reconhecimento da vitória daquele que melhor soube jogar com as emoções dos eleitores, um jogo vil e perigoso.

A pesquisa, igualmente, remontará a história da democracia, lembrando as batalhas travadas para a sua conquista e a importância de mantê-la viva no Brasil, reiterando que embora imperfeita ela ainda é a melhor chance de se conseguir alcançar os objetivos constitucionais de liberdade, justiça e solidariedade, se preocupando, de igual forma, em tecer um quadro geral das características do fanatismo político objetivando tornar os discursos pautados nessa chaga mais fáceis de serem identificados, possibilitando o seu confronto e extirpação.

Os perigos de se viver em um cenário tão polarizado serão apontados nos escritos dos autores base dessa monografia, com destaque para Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, Amós Oz e Voltaire. Desta feita, será demonstrado ao término da pesquisa que o cenário polarizado alimentado pelo fanatismo não apenas pode acarretar o estrangulamento da democracia, como também a desumanização do outro, o que por si só representa uma enorme ameaça à conquista do bem-estar social e tateando as possíveis soluções para o fanatismo político na sociedade, de forma a se construir pontes e evitar a propagação do ódio como política.

No primeiro capítulo desta pesquisa, é realizado um mergulho na origem, história e conceito da democracia. Desde o contrato social, passando pelo desenvolvimento do homem em seu Estado de natureza até a sua essencial necessidade de associação, a evolução cognitiva humana é abordada com maestria.

Já o subcapítulo 2.2, abrange-se a história e conflitos que surgem entre direita e esquerda, chegando à polarização entre seus adeptos, assim como entre conservadores e progressistas, destacando, outrora, a necessidade do conflito para a evolução do Estado, clarificando a animosidade que tem tornado o diálogo impossível entre os extremos políticos, elucidando como as *fake news* fomentam e enganam os indivíduos e como as redes sociais, por onde essas mídias falsas mais são veiculadas, são uma das principais fontes de informação para um grande número de pessoas e porque elas acreditam, com muita frequência nelas.

Adiante, o subcapítulo 2.3, adentra o campo da polarização e do fanatismo, esclarecendo quando o sentimento de aversão ao outro leva a caminhos mortais, conceitua-se as chagas políticas com destaque para o fanatismo, esclarecendo suas origens, que no subcapítulo 2.4 é destrinchada, indo das Cruzadas e Santa Inquisição ao Nazismo. Por sua vez, o subcapítulo 2.5, destrincha os efeitos do fanatismo na sociedade brasileira, destacando o papel das *fake news* e a responsabilidade de seus propagadores, assim como o conceito de banalidade do mal de Hannah Arendt e ameaça do fanatismo ao Estado democrático. Enfim, o derradeiro subcapítulo concilia as ideias de Voltaire e Amós Oz objetivando preceituar uma forma de esmaecer o fanatismo.

A conclusão que se chegará ao término da pesquisa, revela que o fanatismo é uma chaga antiga e conhecida da humanidade, que fez vítimas ao longo dos séculos, e permanece vitimando inúmeras outras e fazendo guerras perdurarem. Esse mal, quando acomete os indivíduos os deixa à mercê de crenças dogmáticas, que não podem ser questionados, tais verdades absolutas tornam os indivíduos que as defendem perigosos quando questionados, ou quando sentem que algo ou alguém ameaça essas verdades. Assim o campo do diálogo é fechado, o espaço para a discussão se reduz a concordância ou discordância, ao amigo ou inimigo, sem meio termo, e sem a chance de discutir qualquer ideia.

Assim, a democracia, marcada pelo poder que emana do povo, vê uma de suas bases, a liberdade de expressão e discussão, ruir, e essa fragmentação da democracia deixa o Estado democrático mais próximo de uma ditadura, na qual detêm o poder o representante da maioria dominante e não o representante do povo, é assim que o fanatismo oblitera o Estado, dividindo para conquistar, fragmentando a sociedade em “nós” e “eles”, para combater esse mal, as ferramentas que são destrinchadas na pesquisa incluem a ironia de Voltaire, na busca por fazer o fanático entender a própria irrealidade de suas crenças e a bom humor e imaginação de Amós Oz, que visa fazer cada indivíduo identificar a semente fanática que nele habita, de modo a tratá-la antes que se alastre.

Na construção dessa monografia, objetivando alcançar as elucidações necessárias, essa pesquisa se pauta na abordagem qualitativa do tema fanatismo político, objetivando perscrutar as respostas para o objetivo geral e os específicos, já apresentados, se apoiando no método hipotético dedutivo na análise e inferência dos resultados da pesquisa, que se alicerçou na leitura do material bibliográfico e documental referenciados, com destaque para as obras de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, Amós Oz e Voltaire, a monografia se utiliza da modalidade básica estratégia de pesquisa, fazendo a análise crítica descritiva do tema que é sintetizado na construção da pesquisa, tendo como escopo gerar impactos na esfera social no futuro, quanto às formas de identificação e combate ao fanatismo político que acomete a sociedade brasileira.

## **2 FANATISMO: A CHAGA POLÍTICA QUE AFLINGE A DEMOCRACIA BRASILEIRA**

### **2.1 DO ESTADO DE NATUREZA À DEMOCRACIA: UMA CONSTRUÇÃO SECULAR**

O ser humano é um animal político, sendo de sua natureza o convívio em sociedade (ARISTÓTELES, 1991, IX, n. p.), pois afinal, o homem não é uma ilha (DONNE, 2007, n. p.). Desta forma, o *homo sapiens* prescinde da vivência em sociedade, como seria possível viver isolado de tudo e de todos? A conclusão lógica é a impossibilidade. Sem esse convívio, até mesmo a sobrevivência da própria raça estaria comprometida, segundo Yuval Noah Harari (2015, p. 12) a evolução humana privilegiou os nascituros prematuros, que, por sua vez, serviu de vantagem para a sobrevivência daqueles que conseguissem viver em comunidade, posto que criar um bebê prematuro não é tarefa fácil de se realizar sozinho.

Portanto, o homem impescinde do convívio social, é certo que o convívio pode gerar o conflito, contudo, ele não é necessariamente negativo, muitas vezes sendo até mesmo necessário para a evolução de uma nação, como se abordará até o final desse capítulo. O que se buscará entender aqui é a fonte da qual bebem os extremistas políticos, qual a chama que alimenta a polarização, porque o convívio social tornou-se tão difícil sem que haja a ocorrência da violência; concomitante a isso, se esmiuçar as bases fundantes da democracia, buscando explicitar sua relevância na atualidade.

Aduz Moses I. Finley (1988, p. 86) “[...] o conflito não é apenas inevitável, é também uma virtude na política democrática, porque é o conflito em conjunto com o consentimento, e não o consentimento sozinho, que evita que a democracia se desgaste, transformando-se em oligarquia”. A título de esclarecimento, a oligarquia é traduzida com a forma de governo em que poucos, ou melhor dizendo, os mais abastados governariam em detrimento do interesse dos mais pobres (BOBBIO, 1998, p. 1046).

Em consonância com o aduzido por Moses, Marilena Chauí (1989, n. p.) esclarece que o conflito não seria considerado um obstáculo, e sim uma constituição do processo democrático, podendo ser considerado, possivelmente, uma das maiores originalidades da democracia. Por isso, o conflito na democracia não é apenas bem-vindo, como intrínseco a ela, de modo a evitar o seu desgaste e assegurar sua originalidade. E por se falar em democracia, ela tem uma história interessante.

Uma pesquisa rápida em um dicionário *on-line* esclarece que palavra advém da junção de dois termos gregos, *demos* (povo) e *kratos* (poder), sendo traduzido como um sistema

político no qual a o poder é exercido pelo povo (SIGNIFICADOS, 2022, n. p.), notando-se uma referência direta na Carta Magna brasileira, que em um de seus artigos preceitua: “[...] Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.” (BRASIL, 1988, art. 1º, §ú). Embora no campo doutrinário não haja consenso sobre o conceito de democracia, nas mais variadas bibliografias consultadas.

A explicação para tal fato é abordada por Robert Dahl (2001, p. 19) o autor relata que a democracia foi inventada e reinventada em vários momentos e lugares diferentes. O que abre margem para se entender as dificuldades encontradas para definir o que seria a democracia, se ela foi criada em lugares e em momentos diferentes, é certo que seu significado e características não são consenso e se transformam ao longo da história. Entretanto, mesmo não conceituando, explicitamente, o que é uma democracia, Robert elenca alguns requisitos de um sistema político que ele denominou “poliarquia”, que pode ser entendido como um conjunto de instituições pró-democráticas.

Na visão de Dahl, a poliarquia é a representação de um sistema político, no qual o povo elegeria o seu representante, este sistema seria caracterizado pela existência de sete instituições, seriam elas: funcionários eleitos; eleições livres e justas; sufrágio inclusivo; direito de concorrer a cargos eletivos; liberdade de expressão; informação alternativa e autonomia associativa (DAHL, 2012, p. 350-351). Esclarece o autor que as democracias prescindem das instituições da poliarquia para que possam se fortalecer, essas instituições são necessárias para satisfazer os critérios democráticos de voto igualitário, participação efetiva, compreensão esclarecida, controle da agenda e inclusão (DAHL, 2012, p. 352-353).

Por tanto, as democracias necessitariam das instituições elencadas por Dahl para serem plenas, ou próximas disso, pois conforme explicita o autor: mesmo que as instituições da poliarquia tenham suas limitações, ao não garantir a facilidade e o vigor da participação dos cidadãos, ou o controle cuidadoso do governo por eles, ela ainda assim diminui drasticamente a perpetuação de governos que não atendam às necessidades da maioria dos cidadãos (DAHL, 2012, p. 353-354).

Doravante, é pertinente trazer as considerações de Renato Janine Ribeiro (2001, n. p.), ele descreve a democracia em sua origem como um governo voltado aos mais pobres, não sendo possível pensá-la sem levar em conta o seu forte componente social, para Ribeiro, a democracia seria o governo do povo pelo povo, partindo do princípio de que todos são iguais, assim, se oporia à monarquia, cujo poder pertenceria a um só, e a aristocracia, onde o poder pertenceria aos ditos “melhores”.



Resta externar que nos primórdios da democracia, a ideia que se tinha do governo democrático se distinguia da forma considerada moderna. Esclarece Renato Janine Ribeiro (2001, n. p.) que em Atenas, berço do conceito prático da democracia, os assuntos relacionados ao povo eram votados em praças públicas, por homens que cumulassem as características de: liberdade, maior idade e naturalidade ateniense, logo não tinham a cidadania ateniense os escravos, as mulheres e os estrangeiros, não obstante nascidos em Atenas, não eram detentores de tal cidadania.

Mesmo que seleta, a democracia ateniense, foi um marco histórico inaugurando conceitos que seriam transportados por todo o globo. Além da característica discriminatória da cidadania ateniense, Renato Janine Ribeiro (2001, n. p.) comenta que a principal diferença da ideia mais antiga e moderna de democracia reside na forma do exercício desta cidadania, enquanto na pólis, os cidadãos votavam e discutiam diretamente os assuntos que diziam respeito ao coletivo, na modernidade, em suma maioria das vezes, os cidadãos elegem seus representantes, para que estes possam votar e discutir tais assuntos.

Agora, ao se refletir sobre a forma de se exercer a democracia na pólis, cidade-estado, é deveras necessário abordar o termo cidadania, afinal, ela se origina exatamente a partir do Estado Democrático, pois sem democracia, não há participação ativa do povo. A cidadania é inerente ao homem, é o que se pode inferir, ao analisar as obras de Thomas Hobbes (1651, n. p.) e Jean-Jacques Rousseau (1762 n. p.), nas quais os autores retratam a essencialidade do contrato social, por meio do qual cada indivíduo renuncia à liberdade natural, em troca da garantia de outros direitos, findando os conflitos e promovendo o bem comum. Sabendo da razão de ser da cidadania, resta entender o que de fato ela é.

Sobre a origem do termo, a cidadania deriva do latim *civitas* que significa “cidade”, sua origem remonta o período da já mencionada pólis (cidade-estado) grega, e era utilizado para representar o conjunto de homens livres, nascidos na cidade, que podiam opinar nas questões políticas da cidade-Estado (COVRE, 2002, p. 9). Na atualidade, em sentido estrito, cidadãos são nacionais que estão em pleno gozo de seus direitos políticos, ou seja, podem votar e ser votados, participando direta ou indiretamente da política do país (GUIMARÃES; MORAES, 2019, p. 10). Não obstante, é recorrente a ideia de que a cidadania não se resume aos direitos políticos, ela seria composta por uma trinca que englobaria os direitos civis, políticos e sociais.

Um dos primeiros a talhar um significado mais amplo e completo sobre a cidadania foi Thomas Humphrey Marshall, ele atribuiu à cidadania a trinca de direitos, civis, sociais e políticos, e a dividiu em duas formas: a formal, entendida como aptidão de adquirir direitos e deveres em um dado território; e a substantiva, que seria o efetivo exercício desses direitos,

esclarecendo, entretanto, que o fato de ser detentor da primeira, não implicaria, necessariamente na efetivação da segunda (CARVALHO, 2002, p. 8-9). Assim, os direitos que compõe a cidadania não se limitariam à esfera política, sendo necessário seu exercício substantivo para que sejam considerados efetivados.

Clarificando, os direitos civis seriam aqueles relacionados a autonomia dos indivíduos, suas liberdades individuais, liberdade de ir e vir, se expressar, seguir sua religião, direito à propriedade privada *etc.* (MANZINE-COVRE, 2002, p. 12). Por sua vez, os direitos políticos se relacionariam com a participação dos indivíduos no governo do Estado, como o direito de votar e ser votado e, por derradeiro, os direitos sociais seriam aqueles que buscam garantir a justiça social, a participação na riqueza coletiva e as condições mínimas para suprir as necessidades humanas, como o direito à saúde e à educação (CARVALHO, 2002, p. 9-10). Na Constituição brasileira de 1988, os direitos advindos da cidadania estão talhados em seus artigos: 5º, do 6º ao 11 e 14. (BRASIL, 1988) .

Desta feita, se a democracia é o governo cujo poder decisório advém do povo, a cidadania e a fonte dos direitos do povo, que através do efetivo exercício da cidadania, poderá garantir a manutenção e a ampliação de tais direitos. A cidadania eleva-se, como algo imprescindível na busca de uma sociedade livre, justa e solidária, contudo, alguns obstáculos tentam impedir o seu exercício, e conseqüentemente a consumação de tais princípios. A raiz desse problema, assim como a democracia, advém de séculos passados, como será abordado.

## 2.2 ESQUERDA E DIREITA: DO CONFLITO NECESSÁRIO À POLARIZAÇÃO

A relevância da polarização política, pode ser sintetizada na frase do filme intitulado *cloud Atlas* (2012) dirigido por Lana Wachowski, Tom Tykwer e Lilly Wachowski, a frase que também sintetiza a ideário do filme, pode ser traduzida da seguinte forma: “Nossas vidas não nos pertencem, do ventre ao túmulo estamos ligados a outras pessoas, no passado e no presente, e cada crime e cada boa ação, geram nosso futuro” (tradução livre). A frase compõe uma analogia digna do que seria a democracia, qual seja, a ligação entre as pessoas e as conseqüências positivas e/ou negativas das ações dos indivíduos, todos estão ligados e as ações de alguns no presente podem e, provavelmente, terão conseqüência no presente e o futuro não apenas de quem lhe deu causa.

No contexto externalizado, onde se entende a necessária existência e manutenção do sistema democrático, o avanço do fanatismo e a propagação de mentiras e distorções da verdade, revela-se um potencial arma de destruição das instituições democrática, o conflito é

bem-vindo quando o objetivo é a edificação de um projeto coletivo, mas quando o fanatismo passa a ganhar protagonismo no cenário político, as instituições oligárquicas extremassem. Quando o assunto é polarização política, o pânico o fanatismo político e o populismo despontam na pesquisa como suas principais fomentadoras.

A polarização política, de forma simples e objetiva, pode ser definida como a divisão da sociedade em dois grupos a respeito de um determinado tema, podendo ainda se adicionar como características, a disputa e a impossibilidade de diálogo entre esses grupos, que se isolam em suas próprias convicções (ANDREASSA, 2020, n. p.). Em complementação, é oportuno citar Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018, p. 20), segundo os autores, a violação das normas democráticas é oriunda de uma extrema polarização sectária, que se estende para além das diferenças no campo político e alcança os conflitos de raça e cultura, sendo essa polarização extrema capaz de estrangular democracias. Logo, a polarização entre a esquerda e a direita políticas, perpassa a esfera política e ganha força nas diferenças raciais e culturais.

Esquerda e Direita são posições políticas em alta desde sua concepção inicial, que curiosamente se relaciona diretamente com assentos em Assembleia na França, quem poderia imaginar que um simples ato poderia dar origem a uma às duas posições políticas mais influentes em toda a história do globo. Se por um lado seu surgimento é simples, o real significado político dos termos, compreende um conjunto de várias ideias capaz de nortear completamente a vida de uma pessoa, mesmo que nem sempre todas estas ideias sejam integralmente defendidas por aqueles que se definem como de esquerda ou de direita.

Indo direto ao ponto, em 1789, ocorreu uma importante Assembleia Constituinte francesa, o objetivo primevo da Assembleia era versar sobre quão poderoso deveria ser o monarca, Luis XVI, enquanto um lado defendia a implantação de uma Monarquia Constituinte, o outro rogava pela queda da ordem até o momento instaurada, ou seja o término da monarquia, nesse embate, os que simpatizavam com a ideia de manter uma monarquia e conceder mais poder ao rei, sentaram-se à direita do presidente do grupo (os amigos da coroa), enquanto os opositores sentaram-se à esquerda, sendo estes últimos bem sucedidos em seu desejo por revolução, foi o começo do desmonte do Estado Monárquico e o início de um antagonismo mútuo e secular entre posições políticas divergentes. (ROURA, 2021, n. p.).

Assim, a direita e esquerda surgiram naturalmente da contradição entre os amigos da coroa e aqueles que queriam menos poder nas mãos do rei. Enquanto a direita se coadunava na ideia de manutenção do poder do monarca e o *status quo*, a esquerda tinha sede de revolução e a vontade de destituir a monarquia vigente (ROURA, 2021, n. p.). A vitória da esquerda sobre a direita na Assembleias, culminou, em 1793, no sepultamento do reinado de Luis XVI, mas

antes disso, as posições de assento da direita e da esquerda ficaram demarcadas na Assembleia Constituinte, assim como as denominações “esquerda” e “direita”, por sua simplicidade, passaram a ser utilizada pelos editores das atas das Assembleias e pelos primeiros jornais revolucionários, sendo popularizadas a partir de então. (ROURA, 2021, n. p.).

Explicada a história, é necessário considerar que ao longo dos séculos os conceitos de esquerda e direita foram criando corpo, passando a significar muito mais que apoio ou oposição ao Estado. É crucial entender que não há consenso sobre os conceitos de esquerda e direita, impedindo que se crave um conceito uno para esta díade.

Conforme Noberto Bobbio (1995, p. 33), esquerda e direita são termos que ainda hoje indicam programas distintos para diversos problemas sociais, envolvendo não apenas divergências ideológicas, mas também diferenças de interesses e valores em relação ao futuro da sociedade, esses contrastes persistem e não é simples apagar suas raízes históricas, contudo, isso não significa que tais divergências sejam eternas e imutáveis, podendo haver espaço para encontrar soluções construtivas, afinal, a verdadeira atitude profissional está em buscar o diálogo e o entendimento, sem ignorar a complexidade das questões envolvidas.

Buscando se aproximar das ideias centrais observadas em cada definição pesquisada, é possível utilizar as palavras de Luiz Carlos Bresser- Pereira, conforme o autor:

[...] A direita é o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta sobretudo por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo, enquanto a esquerda reúne aqueles que estão dispostos, até certo ponto, a arriscar a ordem em nome da justiça – ou em nome da justiça e da proteção ambiental, que só na segunda metade do século XX assumiu estatuto de objetivo político fundamental das sociedades modernas. Adicionalmente, a esquerda se caracteriza por atribuir ao Estado papel ativo na redução da injustiça social ou da desigualdade, enquanto a direita, percebendo que o Estado, ao se democratizar, foi saindo do controle, defende um papel do Estado mínimo, limitado à garantia da ordem pública, dando preponderância absoluta para o mercado na coordenação da vida social. (BRESSER-PEREIRA 2006, p. 26-27)

Destarte, as diferenças ressaltadas sobre as duas posições, em suma, se desdobram em torno da ordem pública, enquanto a esquerda estaria disposta a colocar a ordem em risco em nome da justiça, para a direita a ordem seria o mais importante, devendo ser preservada. A outra colocação do autor, destaca que a esquerda como defensora de um Estado ativo, voltado para o combate às injustiças e desigualdades, enquanto a direita preserva um ideal de Estado mais passivo, cujas interferências são mínimas.

Todavia, para além das diferenças entre direita e esquerda, é consenso entre muitos autores que outra diferenciação pode ser utilizada para distinguir as posições políticas. Norberto Bobbio (1995, p. 33-34), relata que como alternativa aos termos antitéticos esquerda-direita, tidos como anacrônicos e ultrapassados, alguns autores criaram uma classificação, qual seja: conservadorismo-progressismo.

Nesse sentido, afirma Luiz Carlos Bresser-Pereira (1997, p. 55) que existem três valores absolutamente fundamentais para as sociedades contemporâneas: a liberdade, a justiça e a ordem, embora convirjam quanto à liberdade, esquerda e direita divergem no quesito ordem e justiça. A diferença residiria no fato de que, embora a direita e esquerda desejem a ordem, a segurança, a estabilidade, a justiça e a equidade e/ou a igualdade de oportunidades, apenas para a ideologia de esquerda a ordem poderia ser colocada em risco (sem objetivar sua destruição) em prol da justiça, aos seus adeptos o autor cunha outro termo: progressistas e aos seus opositores de direita, o termo: conservadores. (BRESSER-PEREIRA, 1997, p. 55)

É de suma importância destacar que a ideia de conservador e progressista como sinônimos, respectivos, da direita e da esquerda, não é unânime, existem autores que tratam os termos separadamente. Embora o conservadorismo seja mais um termo difícil de se definir, é possível encontrar alguns pontos comuns nas diversas manifestações conservadoras ao longa da história, sendo possível elencar como as mais presentes: o pragmatismo, medo das mudanças bruscas, a preservação das tradições e das hierarquias, o nacionalismo, a proteção da família, das bases religiosas e a defesa das instituições. (MAGENTA, 2022, n. p.).

Por sua vez, Norberto Bobbio (1998, p. 242) define o conservadorismo como “[...] ideias e atitudes que visam à manutenção do sistema político existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraparte das forças inovadoras”. Assim, infere-se que o conservadorismo parte da premissa do *status quo* do zelo pela manutenção da ordem, tradições e costumes já estabelecidos no meio social, opondo-se as mudanças bruscas, que de alguma forma divirjam do padrão moral estabelecido.

Em contraposição, o progressismo, surgido na França e principal combustível da revolução francesa, pode ser utilizado para designar, conforme Matheus Magenta (2022, n. p.) tanto para se referir a pessoas com ideais de esquerda, quanto para classificar militantes defensores de bandeiras ligadas aos movimentos feminista, LGBTQ+, negro, ambientalista ou pró-descriminalização das drogas, entre outros. Ou seja, que de alguma forma objetivam a ruptura de tradições e culturas que se entendem como obsoleta.

Ponderando, Alessandro Nicoli de Mattos (2016, n. p.), conceitua o progressismo como a ideia ou doutrina de que avanços econômicos e sociais, impulsionados pela tecnologia e pela

ciência são indispensáveis para a melhora da condição humana. O que contraria claramente o ideal conservador, caracterizado pelo seu oposto, todavia, não é correto dizer que o conservadorismo repele todo tipo de mudança. Segundo Alessandro (2016, n. p.) o conservadorismo compreende que as mudanças são imprescindíveis para se alcançar uma sociedade saudável, contudo, estas mudanças devem ocorrer com cautela e gradualmente, portanto, a política conservadora seria a da prudência, preferindo as instituições estáveis e já testadas, às rupturas.

Ademais, existem duas nuances que podem distinguir o pensamento conservador do progressista, essas nuances seriam otimismo e o pessimismo. A distinção é apontada por Luiz Carlos Bresser-Pereira que aduz:

O conservador, na sua defesa da ordem, está, assim, sempre alertando contra os efeitos imprevistos da mudança, quanto ao perigo que ela representa, ou quanto a inutilidade de tentá-la. Em contrapartida, o progressista, preocupado com a justiça, minimiza os riscos de alcançá-la, imagina que as reformas têm externalidades positivas apoiando-se mutuamente, e, no limite, acreditam que a vitória de suas teses é historicamente inevitável.

Nesse sentido o conservador é um pessimista, que acredita que o homem é o lobo do homem, que seu egoísmo é avassalador, que homens e mulheres só se motivam para obter ganhos pessoais, enquanto o progressista é um otimista, que acredita na possibilidade de solidariedade, e que em certos casos está disposto a sacrificar interesses pessoais em nome dos interesses gerais. Tanto um quanto outro têm como valor maior um valor social realmente fundamental: a ordem e a justiça social. O problema, como a esquerda bem observa, é que a conservação da ordem geralmente também implica a manutenção de privilégios. Ou a dificuldade, conforme retruca a direita, está no fato de que a obtenção da justiça é arriscada senão impossível. (BRESSER-PEREIRA, 1997, p. 58)

Desta feita, infere-se que o conservador é o ser desconfiado, partidário da ideia do homem mau e egoísta, temente dos possíveis perigos atinentes e intrínsecos à mudança, tendo a pessimismo como sua principal característica, o progressista, em contrapartida, tem a ímpeto de arriscar a ordem em prol da justiça, entendendo que o progresso é uma tendência natural e inevitável, é adepto da ideia de que o homem é bom e capaz de experimentar a solidariedade, sacrificando o seu individualismo em nome do coletivo, sendo, portanto, otimista.

Em face do externado, observa-se que desde o seu início esquerda e direita tiveram seus pontos de divergência política e ideológica, embora os economista e filósofos tenham suas discordâncias, em seus escritos não foram encontrados discursos de ódio contra um ou outro que tivessem ideias opostas, os debates aconteciam exclusivamente no campo ideológico, refutava-se ideias e não pessoas. Isto porque essa discordância, não aparenta ser combustível

suficiente para alimentar discursos perigosos que insultam, oprimem e ameaçam os que estão de um lado ou de outro desse embate entre posições ideológicas.

Reiterando o discurso, segundo Marilena Chauí (1989, n. p.) o conflito não seria considerado um obstáculo, e sim uma constituição do processo democrático, podendo ser considerado, possivelmente, uma das maiores originalidades da democracia. Ou seja, o conflito na democracia não é apenas bem-vindo, como parte dela, de modo a evitar o seu desgaste e assegurar sua originalidade. Todavia, quando o conflito perpassa o campo do debate ideológico e adentra no campo do ataque e da violência, como se abordará no próximo capítulo, a democracia pode ser atraída para um penhasco, deveras, obscuro.

### 2.3 A POLARIZAÇÃO POLÍTICA E A ASCENSÃO DO FANATISMO

Embora necessário ao Estado democrático, o conflito, como podem provas as mazelas da história mundial, pode causar muitas perdas. No campo político, como exposto no capítulo anterior é necessário, mas quando esse conflito é convertido em ódio e em aversão ao próximo, torna-se um problema de segurança pública e uma chaga para o Estado democrático de direito, como será elucidado neste capítulo.

Em 2018 a vereadora Marielle Franco foi assassinada (ALBUQUERQUE *et al.*, 2018, n. p.). No mesmo ano, o candidato a presidência Jair Messias Bolsonaro, foi vítima de uma facada enquanto participava de um ato de sua campanha no estado de Minas gerais (G1, 2018, n. p.). Já em 2022, Marcelo Arruda, foi morto a tiros durante a própria festa de aniversário, que tinha como tema o Partido dos Trabalhadores (BANDEIRANTES, 2022, n. p.). Acentuando os casos, também em 2022, a manchete que circulou nas redes foi: “Petista mata amigo bolsonarista a facadas em discussão política” (BBC, 2022). O ponto de convergências entre os casos noticiados, aparentemente, foi o fanatismo e a polarização política.

As extrações de notícias, supra, retratam como a polarização política pode tomar um tom violento e até letal, os fatos parecem representar a face mais extrema da oposição ao outro, contudo, essas ações não são as únicas representações da intolerância, ousa-se dizer, que há outra forma menos fatal, mas igualmente preocupante, está se encontra nos discursos, em especial, aqueles propagados na internet.

A Manchete após o primeiro turno das eleições de 2022 no Brasil foi: “Apoiadores de Bolsonaro disparam ofensas a nordestinos por votos em Lula” (BBC, 2022). Os comentários, que aqui não serão reproduzidos, comentavam sobre as capacidades mentais e idoneidade dos

cidadãos da região nordeste do país, muitos desejando que estes viessem a ser enviados para países com regime de governo ditatorial, ou que toda a região fosse desmembrada no Brasil.

Ao refletir sobre todas as notícias que apontam o uso da violência no debate político, chegou-se à uma constatação: o embate esquerda versus direita permanece vivo, entretanto algo parecia não se encaixar nessa história, há divergências entre um modelo político e outro? Sim, mas essas diferenças não se mostravam suficientes para levar ao uso desmedido da violência, parecendo certo acreditar que algo a mais estava por de trás de todo esse ódio propagado.

A busca por respostas levou a três termos: pânico moral, populismo e fanatismo político, que serão aqui denominados como as “chagas” que acometem a democracia, por se entender que a expressão deixa clara a ideia que se deseja revelar nos parágrafos a seguir, a de que aos poucos a democracia pode ser enfraquecida e, por fim, sucumbir em decorrências dessas chagas que drenam suas forças aos poucos.

Introduzindo o tema, o populismo que, conforme Norberto Bobbio (1998, p. 980), não tem uma definição única, pode ser conceituado como todas as formas políticas que têm como principal referência e inspiração o povo, que é considerado como um agregado social homogêneo e exclusivo depositário de valores positivos, específicos e permanentes. Norberto complementa que populismo se funda no entendimento de homogeneidade das massas populares, no entendimento do populismo a divisão estaria entre o povo e o não povo, este último representando por tudo que é extrínseco ao povo historicamente, territorialmente e qualitativamente determinado. (BOBBIO, 1998, p. 981-982)

Neste sentido, o “não povo” poderia ser representado não apenas fora da Estado, como também, dentro dele. As elites cosmopolitas e imperialistas, assim como as massas populares que defendessem e apresentassem ideologias ou valores estranhos, ou incompatíveis com aqueles instituídos pela tradição popular, seriam exemplos do não povo, e deveriam ser extirpados objetivando a sobrevivência do populismo. (BOBBIO, 1998, p. 982)

Por sua vez, tem-se o terror ou pânico moral, a literatura sobre o assunto não é muito extensa e nem de fácil acesso, entretanto, em vista do cenário recente vivenciado, o esclarecimento sobre a sua conceituação é imprescindível. A explicação mais profunda do Pânico moral foi desenvolvida por Stanley Cohen, explicada em sua obra *Folks devil's and Moral Panics*, logo abaixo transcreve-se uma das passagens do livro, que descreve como se dá a propagação do pânico moral:

[...] a gravidade dos eventos foi exagerada e distorcida, em termos de jovens envolvidos, a natureza da violência cometida, a quantidade de o dano



infligido, e seu impacto sobre a comunidade para não mencionar a importância dos eventos para a sociedade como um todo. Obviamente histórias falsas foram repetidas como verdade, não confirmando rumores, foram tomadas como elementos novos de mais atrocidades. (COHEN *apud* BITENCURT, 2013, p. 40)

Na passagem o autor destaca as características do pânico moral. Sendo, basicamente, a amplificação da gravidade dos fatos, ou de falsos fatos, aumentando sua importância e os danos que, supostamente, foram causados ou podem ser causados por eles (GOODE & BEN-YEHUDA, 2009, p. 2). Desta forma, o pânico seria um produto de uma realidade paralela criado com o objetivo de gerar o medo, ou causar o caos, de forma a manipular determinada pessoa ou grupo de pessoas, causando sentimento de medo e aversão aos que são pintados como os inimigos ou ameaças que devem ser dissipados.

Por fim, e, para este trabalho, a chaga mais importante, tem-se o fanatismo político. Este pode ser explicado através do próprio entendimento quanto à conceituação do termo “fanatismo”, uma breve pesquisa levará à seguinte conceituação: admiração excessiva (cega e veemente) por algo ou alguém (DICIO, 2022). Ou ainda, uma devoção cega a uma ideia, que é protegida com um fanatismo apaixonado, que pode eventualmente levar à coerção dos demais para aderir a ela e punir aqueles que não concordam com essa visão. (BOBBIO, 1998, p. 464).

Não é difícil entender que o fanatismo na política não é um bom presságio, sobre isso Norberto Bobbio (1998, p. 92) esclarece que ao longo da história a caça às bruxas e o linchamento de desviados e rejeitados, ocorreram em apoio a determinadas autoridades, por fanáticos políticos e religiosos. Ou seja, a fé cega, oriunda do fanatismo, pode levar a atitudes extremas, impensadas e letais, por isso, o fanatismo, dentre todas as outras chagas, foi o ponto de maior destaque nesta pesquisa, que busca entender como ele é propagado como ameaça aos sistemas democráticos.

As fontes utilizadas nesta pesquisa, pontuam o que dá combustível para a proliferação dos discursos pautados em populismo, pânico moral e sobretudo o fanatismo. De forma aparente, as *fakes News*, ou notícias falsas (em tradução livre), são fomentadoras precípuas da polarização, tendo como principal forma de disseminação as mídias sociais. Segundo dados da pesquisa do IPEC, 85% (oitenta e cinco por cento) dos entrevistados acreditavam que as *fake News* poderiam influenciar as eleições brasileiras de 2022, ainda sobre a pesquisa, apenas 43 % (quarenta e três por cento) dos entrevistados checavam as informações (CONTEE, 2022, n. p.).

Comenta Steven Levitsky (2019, n. p.) que quando adversários são enxergados como inimigos declarados (sejam eles comunistas, fascistas, criminosos ou traidores), há uma tendência a empregar "todas as armas possíveis" para mantê-los afastados do poder. Mesmo as

notícias falsas não podem ser subestimadas, muitos são os casos em que elas causaram caos e a guerra (BBC, 2018, n. p.). Em face disso, a pesquisa data senado apontando que 48 % (quarenta e oito por cento) dos entrevistados sempre usam o WhatsApp para se informar, preocupa, posto que é através das mídias sociais que as *Fakes News* são mais difundidas. (TRIBUNAL, 2022, n. p.).

Ademais, elucidam Márcio Moretto Ribeiro & Pablo Ortellado (2018, p. 71) que o termo *Fake News* parece um tanto que desatualizado, o mais adequado seria utilizar o termo “mídias hiper partidárias”, por refletirem a polarização de discursos da esfera pública atual. uma pesquisa realizada entre os anos de 2014 a 2018, analisou as quinhentas páginas políticas mais relevantes do país, concluindo uma polarização no âmbito informacional, de uma lado haviam notícias mais voltadas à esquerda, amalgamadas a movimentos sociais democráticos e progressistas, e do outro notícias alinhadas à direita, amalgamadas ao liberalismo econômico e ao conservadorismo moral. (RIBEIRO; ORTELLADO, 2018, p. 74).

Uma explicação para o fato de tantas pessoas acreditarem em notícias enganosas, por mais descabidas que pareçam é o famigerado viés de confirmação. Segundo Francis Bacon (2021, p. 16) o viés de confirmação é um fenômeno psicológico em que as pessoas tendem a buscar e dar preferência as informações que confirmem suas crenças pré-estabelecidas, independentemente da veracidade dessas informações e de todas as outras que contrariem suas convicções pessoais. Nesse sentido, progressistas e conservadores leriam a realidade de forma diferente, por partirem de concepções de mundo e convicções diferentes, isso os tonaria, em muitos casos, passíveis de acreditar e compartilhar *Fake News*, mesmo que haja indícios da inveracidade de tais informações.

A questão principal que se desdobra dessas realidades particulares reside no fato do outro, que pensa e tem crenças e ideais políticos diferentes, ser colocado no lugar de inimigo de mal a ser extirpado. Sergio Abranches (2019, p. 19-21) evidencia que os resultados das eleições de 2018 comprovaram que as redes sociais exerceram um papel significativo na autopromoção de muitos candidatos, além de terem se mostrado eficientes na disseminação de informações distorcidas e agressivas, por meio de discursos carregados de estereótipos e preconceitos, que incitavam o ódio em relação ao outro lado, gerando uma rachadura nas relações sociais tanto dentro quanto fora do âmbito familiar. O resultado foi um envenenamento das relações sociais, e uma conseqüente polarização exacerbada.

Em “*Sapiens*”, Yuval Harari (2015, p. 25-29) relata a existência de três grandes revoluções que marcaram a história da humanidade, sendo a primeira delas a revolução cognitiva, marcada pela capacidade do homem não apenas se comunicar, como também falar

de coisas que não existem, ou seja, imaginar e contar histórias fictícias, dessa capacidade surge a possibilidade de criar histórias de onde originam crenças compartilhadas, formando-se comunidades de indivíduos que cooperavam entre si em virtude desses mitos, que mais tarde dariam origem à cultura de um povo.

Quando o fanatismo político toma conta, as extremidades da direita e da esquerda se distanciam a ponto de criar narrativas obscuras e fantasiosas que apenas intensificam a divisão social. Essas histórias sórdidas, tão desconectadas da realidade, são um sinal de que a política não é mais sobre soluções, e sim sobre alimentar o conflito. Paradoxalmente, aquilo que um dia uniu e impulsionou a humanidade parece hoje ser responsável por sua divisão e estagnação.

A realidade revela que na atual conjuntura política, as pessoas são movidas para um ou outro lado político, fundamentadas muito mais em suas convicções morais e preconceitos e na sensação de pertencer à determinado grupo, do que nas reais ideias políticas de um partido ou de outro (ABRANCHES, 2019, p. 21-22). Desta feita, o fanatismo alimenta uma cultura de intolerância e aversão ao outro, ao diferente, por medo, ou por raiva, a aversão é construída e ratificada a cada informação enganosa e não verificada que pode ser compartilhada por inúmeras pessoas, que com base em suas convicções pessoais vão acreditar e replicar estas informações inverossímeis.

#### 2.4 UMA HISTÓRIA DE FANTISMO: SANTIFICADA SEJA A MINHA IDEOLOGIA

Em um cenário minado, onde qualquer comentário e ação pode desencadear uma miríade de insatisfação e violência, faz-se necessário um esclarecimento quanto ao ódio ao altero, como esse ódio germina nas relações sociais, o que o torna possível de desencadear as ações mais extremas. Esta subcapítulo objetiva tatear o que dá fomento à ascensão do fanatismo político no Brasil e no mundo, tentando lincar algumas experiências históricas.

O fanatismo é um termo cunhado no século XVIII para designar indivíduos exagerados, impetuosos e desprovidos de senso crítico, que mantêm uma postura apaixonada e incondicional em relação a certa religião ou corrente política, servindo de fundamento para atos de violência contra aqueles que questionam as verdades absolutas e incontestáveis, que, na visão dos fanáticos, foram a eles reveladas por uma deidade. (PINSKY, 2013, n. p.). Logo, o fanático se apresenta como impassível de questionamento, suas verdades são irrefutáveis e inquestionáveis, sendo qualquer tentativa de fazê-lo uma afronta.

Não obstante, Adolf Hitler e Mao Tsé-Tung, não eram deuses, todavia eram cultuados como se fossem, de modo que suas falas não eram passíveis de questionamento, assim como os

dogmas religiosos, mesmo que não encontrem fundamento na lógica, pois é característico do fanático a irracionalidade, para ele, os fins justificam os meios, na busca pelo que entende como justiça. (PINSKY, 2013, n. p.).

E é essa irracionalidade que pavimenta os discursos e as ações carregados de ódio e violência, e ainda pior, não se restringe aos ditos “cidadãos”, com seus direitos políticos em pleno gozo, ela chega também em escolas e pré-escolas. Durante o primeiro turno das eleições presidenciais, pais e mães relataram a ocorrência de agressão verbal e físicas, sofridas por crianças, nas escolas, motivados por questões políticas. (IDOETA, 2022, n. p.)

Desta forma, o que se percebe na contemporaneidade é uma verdadeira cruzada, em que, majoritariamente, dos grupos com pensamentos ideológicos diferentes, mobilizam-se para atacar um ao outro, de modo a obliterar as ideias e os adeptos destas ideias. A analogia às cruzadas é justificada por elas serem interpretadas, inicialmente por historiadores, como expedições militares de caráter religioso, realizadas na Idade Média, contra os opositores do cristianismo, porém, com o tempo o termo se popularizou e passou a significar qualquer tipo de propaganda ou defesa de determinadas ideias, dogmas e princípios, o principal fundamento é a luta urgente e legítima contra algo nocivo e perigoso. (MACEDO; PINSKY, 2013, n. p.).

Dentro do contexto das cruzadas, era pregada a ideia de “guerra má” e “guerra justa” que alimentou o fanatismo durante este período. Em nome de “Deus” a guerra justa era aquela travada contra todos que tivessem uma religião diferente da cristianismo e que se manifestavam contrários aos dogmas e doutrinas cristãs, contra esses era permitido utilizar da mais vil violência para extirpar o mal, conquistar a própria salvação e cumprir os desígnios de Deus, assim, a crença na justeza dos atos praticados, com base em uma verdade acima dos homens, justificava os meios sórdidos para se cumprir a vontade do divino, crença que ainda hoje é reproduzida em discursos inflamados não restritos à igreja. (MACEDO; PINSKY, 2013, n. p.).

Em face do exposto, consta verificado que o fanatismo teve uma de suas amostras mais significativas durante as cruzadas, mas é certo que as demonstrações não terminam por aí, eventos históricos como a caça às bruxas e o nazismo pontuam o quão longe pode se chegar por ser fanático e o quão cruel as ações embasadas no fanatismo podem ser. A caça às bruxas, ocorrida durante a Santa Inquisição, entre os séculos XVI e XVII, ateou fogo, açoitou e baniu centenas de milhares de mulheres, tidas como fracas e propensas ao satanismo, acusadas, sobretudo, do exercício de bruxaria e feitiçaria, práticas pregadas como satânicas. (NETO; PINSKY, 2013, n. p.).

Por sua vez, o Nazismo que implicou na morte de milhares de pessoas, se apoiou no fanatismo para criar uma teoria de que apenas a raça ariana poderia prosperar. O nazismo (1933-

1945) pode ser considerado um dos ápices da irracionalidade humana, tendo como bases fundantes o nacionalismo, a xenofobia e o racismo, a crença implantada nas mentes por Adolf Hitler, propusera, por meio de uma propaganda enganosa e ardilosa, haver indícios de uma conspiração entre judeus e comunistas, assim como provas cabais que provariam a superioridade racial ariana, assim, pregou-se a ideia sórdida de que opositores, assim como as raças tidas como conspiracionistas e inferiores, representavam uma ameaça, deveriam ser eliminadas a qualquer custo pelo bem maior da nação. (CARNEIRO; PINSKY, 2013, n. p.).

Para entender o que deu causa a essa atrocidade, é preciso entender melhor o contexto e a história do povo alemão. Após a primeira guerra, a nação não ficou nada satisfeita com o Tratado de Versalhes, que foi, de veras, oneroso para a Alemanha, a crise de 1929 também impactou negativamente o mercado alemão que já vinha sofrendo com o desemprego, em meio a essa questão, a ideia de que os judeus seriam a causa de todos os problemas, que outrora foi alimentada pelo cristianismo que objetivava se firmar como a principal e única religião, se tornou através das obras de muitos autores antissemitistas, cada vez mais perigosa, a ponto de se acreditar que não haveria se quer uma forma de remissão, que os judeus seriam o mal encarnado. (CARNEIRO; PINSKY, 2013, n. p.).

Diante desta questão, faz-se necessária trazer à tona a elucidação de Hanna Arendt, em sua obra “Eichmann em Jerusalém: um retrato sobre a banalidade do mal”. A autora apresenta sua análise de Eichmann, um ex servidor da Alemanha nazista, julgado por sua responsabilidade de levar milhares de pessoas à solução final (genocídio acontecido pouco antes do fim do governo nazista, na II Guerra Mundial), a autora descreve o acusado como uma pessoa medíocre, que não tinha uma consciência de seus atos desumanos, sua maior debilidade era a irreflexão das tarefas que executou em nome do Estado, de modo que sua consciência pesava quando não cumpria seu dever. (ARENDR, 1999, p. 299-300)

A descrição que Hannah Arendt faz de Eichmann, possibilita entender o que ela denomina banalidade do mal, é a irreflexão dos atos é o vazio de pensamentos quanto as ações e atitudes. A reflexão de Hannah, é a de que o mal não é radical, apenas extremo, portanto, qualquer pessoa pode cometê-lo, basta abster-se da capacidade de pensar, pois sua característica é superficialidade e a superfluidade, o pensar exige profundidade, coisa que o mal não possui (ARENDR *apud* SOUKI, 1998, p. 101). Assim, não é difícil de entender o motivo pelo qual os alemães aceitaram tão facilmente as ideias antissemitistas de Hitler, se abstendo de um pensamento crítico e acreditando nas mentiras perpetradas pelo *Führer*.

Em face do exposto, é possível entender como o fanatismo intoxica o tecido social, essa chaga política oblitera as possibilidades de reflexão e questionamento dos espectadores. Como

citado, mais da metade das pessoas não checam as informações a elas passadas. Acreditar em verdades imutáveis e que os fins justificam os meios, por mais atrozes que possam ser os meios, é o cume basilar do fanatismo, que, em detrimento da racionalidade manipula a percepção do indivíduo sobre o outro, o tratando como inimigo em si, o mal que deve ser extirpado do meio social para que se possa alcançar a felicidade, esse pensamento tóxico parece ser a chave que destrava toda a violência perpetuada ao longo dos séculos contra quem ousa questionar as verdades inquestionáveis.

## 2.5 FANTISMO POLÍTICO: A AMEAÇA AO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO BRASILEIRO E O ASCENO AO AUTORITARISMO

Ao mencionar o fanatismo no Brasil, é necessário lembrar das eleições à presidência da república de 2022, embora ainda em 2018, a polarização entre petistas e bolsonaristas já tivesse sido demarcada, foi em 2022 que essa polarização chegou ao seu ápice. Os confrontos de violência física percorreram inúmeros estados do país (VÍDEO..., 2022, n. p.), só não perdendo, aparentemente, para os confrontos virtuais, segundo dados da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da Safernet, as denúncias de crimes pautados em discurso de ódio na internet aumentaram 67,7% em 2022, em comparação com o ano de 2021. (CRUZ, 2023, n. p.).

Os discursos de ódio foram proeminentes nas redes sociais, difundido discursos que não se limitavam às ideias de um grupo ou de outro, mas que insultavam e ameaçavam os seus adeptos. Segundo os dados da Safernet, dentre os temas dos discursos de ódio, a xenofobia, caracterizada pelo preconceito, intolerância ou violência contra estrangeiros ou determinado povo, foi o destaque, representando, em comparação com 2021, um aumento de 874% (oitocentos e setenta e quatro por cento), seguida pela intolerância religiosa, com crescimento de 456% (quatrocentos e cinquenta e seis por cento) e a misoginia, com 251% (duzentos e cinquenta e um por cento) de acréscimo. (CRUZ, 2023, n. p.)

A maior onda de denúncias contra xenofobia, ocorreu logo após o primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, as vítimas, em suma foram os nordestinos, onde o candidato Luiz Inácio Lula da Silva recebeu a maioria dos votos, a Safernet Brasil registrou um média de 14 denúncia de xenofobia por hora. (ATAQUES, 2022, n. p.) Concomitante a isto, as *fakes news* mostraram seu pleno potencial nas eleições, a acessibilidade das redes sociais possibilitou a difusão em larga escala de todo tipo de informação enganosa e manipulada. A pesquisa do IPEC, já mencionada nesta monografia, revelou que 85% (oitenta e cinco por cento) dos entrevistados acreditavam que as *fake News* poderiam influenciar as eleições brasileiras de 2022

e que apenas 43 % (quarenta e três por cento) dos entrevistados checavam as informações repassadas nas redes. (CONTEE, 2022, n. p.)

Tendo em vista que o Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo, sendo o primeiro da América Latina em acesso a estas plataformas, cumulando mais de 131 (cento e trinta e um) milhões de usuários (PACETE, 2023, n. p.), saber a quantidade de pessoa que acreditavam que as *fakes news* influenciariam as eleições é preocupante.

Doravante, se as primeiras manifestações do fanatismo tiveram amparo na religião, não é difícil entender por que o fanatismo é fomentado por discursos difundidos em muitas igrejas e por seus líderes religiosos. Uma reportagem da Revista *Le Poin* de 2022 traz uma análise acerca da batalha religiosa que culminou na disputa pelo voto na eleição presidencial do Brasil. Intitulada "A Guerra Santa no Rio", a matéria mergulhou no universo dos cultos religiosos e entrevistou eleitores em meio a um segundo turno acirrado, o motivo de tamanho empenho é a relevância do eleitorado evangélico que no último levantamento representava 65 milhões de brasileiros, o que corresponde a 30% por cento (trinta por cento) da população brasileira em 2022. (REVISTA, 2022, n. p.)

A abordagem profissional da reportagem evidenciou a influência dos líderes religiosos em converter o voto de seus fiéis. A matéria apresentou uma triste constatação: a batalha incessante por poder na política brasileira adentrou as redes sociais e as igrejas, onde cada candidato foi difamado como um monstro em potencial que levaria ao declínio do país, em meio a diversas mentiras propagadas em busca de vantagem eleitoral, Lula era taxado como satanista, enquanto Bolsonaro chega a ser acusado de canibalismo, narrativas fomentadas dentro de muitas igrejas, assim, essa campanha eleitoral tão polarizada e repleta de notícias falsas sufocou o debate de ideias. (REVISTA, 2022, n. p.)

Diante de tantas informações inverídicas, as verdadeiras vítimas da polarização política foram as relações interpessoais. É preciso entender que não é só na rua, com estranhos, ou na internet que o fanatismo demonstra a sua face, dentro das casas das famílias brasileiras, exemplos nítidos são encontrados, descasamentos, amizades desfeitas, laços são perdidos, sem o menor vislumbre de quando poderão ser reatados.

Um artigo da BBC, contou a história de três jovens de famílias distintas que foram destratados por seus familiares por votar em um candidato diferente daquele que a família tinha como o ideal, mas principalmente, por votar naquele que a família entendia como o pior dentre todos os outros, os três relatos, foram extraídos de uma pesquisa realizada pela própria BBC (LUIZ, 2022, n. p.). Já no extremo das atitudes violentas, segundo dados do relatório da Anistia

Internacional Brasil (2023, p. 6), no período entre julho e setembro, foram registrados 5 assassinatos de cunho político, 4 (quatro) deles se referiam a apoiadores de candidatos.

As demonstrações de apoio ao candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro constituem um tema à parte, que merece atenção especial, por evidenciar o potencial do fanatismo de distorcer a realidade. Embora não seja possível estabelecer comparações entre os eventos ocorridos na Alemanha nazista e no Brasil, é possível perceber a conexão entre os dois movimentos no fenômeno da criação de realidades paralelas, onde ações injustificáveis e ilógicas se baseiam na visão deturpada desses indivíduos.

O maior exemplo da prejudicialidade desses movimentos, foram os atos de 08 de janeiro de 2023. Manifestantes invadiram e depredaram o Palácio do Planalto, alguns até defecaram em algumas das salas do Palácio, embora muitos manifestantes neguem que as pessoas que depredaram o palácio fizessem parte do movimento, fato é que os manifestantes tinham por escopo invadir o Palácio visando destituir o presidente eleito por acreditarem haver irregularidades nas eleições presidenciais de 2022, o que até dado momento ainda não foi comprovado. (SPECHOTO; SOARES, 2023, n. p.)

O entendimento que se tem, ao se deparar com esses exemplos extremistas e algumas vezes fatais, é que a extrema polarização política encurta e oblitera as possibilidades de se tecer um diálogo que convirja os interesses pessoais de cada cidadão em interesses coletivos, corroborando com os objetivos do artigo 3º e o fundamento da pluralidade política, previsto no artigo 1º, inciso IV, ambos talhados na Carta Magna brasileira (BRASIL, 1988), pelo contrário, a medida que os que o tempo passa e esses discursos ecoam no tecido social, compreende-se que a democracia brasileira pode estar em declínio, abrindo brecha para uma forma alternativa e autoritária de Estado, é o que se depreende dos estudos de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt

Se por um lado o ódio desune a população, do outro ele dá margem para que políticos autoritários possam subverter a democracia. Conforme sublinha Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, no livro “Como as democracias morrem” (2018, p. 17), a democracia é frequentemente subvertida por dentro, pelas mãos de líderes e adeptos da tendência autoritária que, por meio das mesmas instituições e poderes do Estado Democrático, terminam por transformá-lo em um regime distinto e autocrático, sem que, para isso, precisem utilizar das forças armadas ou de um golpe de Estado clássico.

Doravante, os autores ainda destacam que a subversão democrática, em grande parte, se daria através de medidas graduais, iniciando por meio de medidas simbólicas e discursos polarizadores que buscam construir a ideia de ilegitimidade dos opositores, prosseguindo com neutralização ou captura das instituições de controle, para os autores embora estas tendências



autocráticas dos líderes sejam, geralmente, de fácil reconhecimento, até antes de chegarem ao poder, certas elites políticas em virtude de interesses próprios, acabam por corroborar com a normalização de desses líderes. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 17)

Neste ponto, é importante salientar o papel dos líderes religiosos, influencers e os próprios políticos na incitação do ódio ao outro, ao adversário político, que passa a ser visualizado como inimigo a ser vencido, eliminado, como mencionado por Hanna Arendt, o outro é revestido pela imagem do mal, aquele que deve ser extirpado, vencido a qualquer custo.

Desta forma, muitas podem ser as barreiras que dilaceram um diálogo respeitoso e empático quando o assunto é política. A crença de que “política não se discute” ressoou em inúmeros espaços ao longo das décadas Brasil a fora, tornando os possíveis debates sobre o futuro do país natimortos. A polarização política enraizada na história do mundo e do país corrobora para um campo de debate ainda mais árido, regado a desinformação, isso porque não são raros os ataques políticos mútuos, que usam como munição inverdades e descontextualizações, para aqueles que utilizam esse tipo de meio, o objetivo não é mostrar a verdade, e sim vencer a qualquer custo, e, nesse fogo cruzado, aqueles que encontram-se nas trincheiras são os espectadores, também denominados eleitores.

Em um cenário político, no qual o Brasil se encontra na época de produção desta dissertação, é visível a utilização da desinformação, não apenas para enganar, mas também para gerar o medo e incitar o ódio, o que se tornou muito comum por meio das mídias sociais, e quando esse medo e esse ódio chegam ao seu extremo, vidas podem ser desperdiçadas. As chagas políticas pavimentam o caminho para uma polarização ainda mais extremista, regada a desinformação e, conseqüentemente, dilacera os institutos democráticos, abrindo caminho para governos autoritários .

Conforme Lilia Moritz Schwarcz (2019, p. 181) esclarece, o autoritarismo é o oposto da democracia. Ou seja, é uma forma de governo ou liderança caracterizada pela ausência de participação popular, repressão e coerção por parte dos governantes e/ou líderes. Nesse modelo, o poder é centralizado na figura de uma pessoa ou grupo reduzido, que toma decisões arbitrárias sem consultar a população ou seus representantes.

Uma das principais características do autoritarismo é a supressão das liberdades individuais e coletivas, incluindo o direito à expressão, organização e manifestação, assim, a censura dos meios de comunicação, o encorajamento da violência e a negação de legitimidade dos oponentes políticos são comuns nesse modelo de governo (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p.35). Além disso, os autoritários geralmente se opõem à democracia, à igualdade e à inclusão social (SCHWARCZ, 2019, p. 19). É importante destacar que nem sempre o autoritarismo é

evidente ou se apresenta de maneira explícita, muitas vezes, ele se manifesta de forma sutil, através do controle da informação, das normas ou das relações interpessoais. (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p.35).

Portanto, uma vez que o estado democrático de direito encontra-se ameaçado, é necessária a tomada de medidas que impeçam ou, no mínimo, dificultem que esse tipo de líder autoritário chegue ao poder e tome do povo suas liberdades e direitos, para isso, as duas abordagens a seguir, se apresentam como potenciais combatentes do iminente autoritarismo que emana da polarização política alimentada pelo fanatismo.

## 2.6 FORTALECIMENTO DEMOCRÁTICO: COMO ESMAECER O FANATISMO

Sublinhou uma vez Voltaire (1968, p. 105) que “o fanatismo está para a superstição como o arrebatamento para a febre ou a raiva para a cólera. Aquele que experimenta êxtases, visões, que toma os sonhos por realidades e as suas imaginações por profecias, é um entusiasta; aquele que sustenta sua loucura pelo assassinato, é um fanático”. Que o fanatismo é uma chaga que precisa ser extirpada do tecido social, já se sabe, resta desvendar de que forma essa proeza seria possível, sobre isso, Amós Oz preceitua que existiriam duas armas de combate a este fanatismo, a curiosidade e o bom humor, já para Voltaire, a grande arma seria a ironia.

Desafortunadamente, a convicção de Amós Oz (2004, p. 16) é a de que assim como a violência, o fanatismo é um ingrediente inerente à natureza humana, um "gene nocivo" que permeia quase todos nós, o fanatismo frequentemente surge de uma premente necessidade de transformar os outros para o próprio bem deles, para sermos verdadeiramente humanos, precisamos evitar esses conflitos internos.

Segundo Amós Oz (2004, p. 12) é unanimidade que a curiosidade é pré-requisito essencial - talvez até mesmo o primeiro - para qualquer trabalho intelectual ou científico, o autor salienta que em sua ótica, ser curioso é uma virtude moral tão importante quanto. Para Oz a curiosidade e o humor são as melhores armas contra o fanatismo, pois fanáticos são pessoas fechadas e desprovidas de senso de humor, uma vez que o humor é capaz de desmistificar os alicerces do fanatismo, e a curiosidade pode incomodar, por meio dela acaba-se descobrindo que as próprias convicções podem estar erradas (OZ, 2004, p. 12).

Para identificar o fanatismo presente dentro de cada um, Amós Oz (2004, p. 43-49), se baseia em três pilares principais, além da falta de senso de humor, o fanático seria facilmente identificado pela sua intolerância e seu sentimentalismo, o culto a personalidades carismáticas. Oz descreve o fanático como um ser incomum, dedicado a assegurar a redenção dos outros,

essa fixação impede que ele se coloque no lugar do próximo, pois quase não tem uma identidade própria e sem um "eu" definido, falta-lhe a capacidade de se colocar no lugar do outro e de imaginar soluções para conflitos, a empatia e a imaginação são essenciais para encontrar respostas concretas e pacíficas para os desafios (OZ, 2004, p. 19-25).

Conforme Amós Oz (2004, p. 49) o senso de humor é uma ferramenta poderosa, com propriedades curativas, pois nunca se vê um fanático possuindo senso de humor, assim como uma pessoa com essa habilidade jamais se torna um fanático, exceto se perder essa característica, uma vez que os fanáticos são frequentemente sarcásticos, possuindo um senso agudo de sarcasmo, mas não de humor, pois o humor é a chave para rir de si próprio, é o relativismo, é a habilidade de se ver como outros nos veem e entender que, apesar de toda injustiça sofrida, há um ângulo cômico na vida, mesmo quando se demonstra seus valores e como os outros estão equivocados, não se perderia o senso de humor.

Não menos importante, o autor destaca a capacidade de imaginação como uma das formas de se combater o fanatismo. É necessário expandir o repertório não apenas em termos de justiça, mas também em senso comum, sendo crucial possuir imaginação e uma habilidade profunda para entender o próximo, muitas vezes colocando-se em seu lugar, essa habilidade valiosa pode tornar indivíduos mais completos e compassivos (OZ, 2004, p. 26). Oz complementa que é preciso compreender a característica peninsular de cada indivíduo:

[...] nenhum homem é uma ilha [...] mas, cada um de nós é uma península, metade ligada ao continente, metade voltada ao mar; metade ligada à família e amigos e cultura e tradições e país e nação e sexo e língua e muitos outros laços. E a outra metade quer ser deixada só e ficar voltada para o oceano (...) a condição de península é a própria condição humana. (OZ, 2004, p. 20)

Desta feita, caberia entender que em certo sentido, em toda casa, em toda família, em toda conexão humana, existe de fato um relacionamento entre um número de penínsulas, e é importante lembrar disso, antes de tentar moldar um ao outro e modificar um ao outro e fazer o próximo ficar como o "eu", quando ele só precisa voltar-se para o seu oceano por um momento.

Em complementação à abordagem de Amós Oz, é necessária a citação das ideias de Voltaire, que mencionou uma vez o que para ele seria a principal arma contra o fanatismo. Voltaire (2013, p. 241) defende que a única cura eficaz para a disseminação da doença do fanatismo é o desenvolvimento de um espírito filosófico. Tal visão é extremamente relevante atualmente, quando se depara com a polarização ideológica e religiosa que infelizmente ainda assola a sociedade.

Em um trecho de seu Dicionário Filosófico aduz Voltaire (2013, p. 241) que o fanatismo está para a superstição assim como o delírio está para a febre e a raiva está para a cólera, desta forma, alguém experimenta êxtases, visões e confunde sonhos com realidade, ou imaginações com profecias, é considerado entusiasta, porém, aquele que nutre pensamentos extremistas e busca justificar a morte por uma causa é classificado como um fanático. A forma primeva de se combater tal fanatismo seria a ironia, que como será externado, se confunde muito com o sendo de humor de Amós Oz, ou vice-versa.

A tolerância é o apanágio da humanidade, os seres humanos são imperfeitos e passíveis de debilidades e erros, perdoar, reciprocamente, suas tolices, deve ser compreendida como a primeira lei da natureza (2013, p. 444). Esta ideia, de François-Marie Arount, mais conhecido pelo pseudônimo Voltaire, evidencia a tolerância como uma ferramenta, potencialmente, eficaz no combate contra o fanatismo, compreendendo que o outro não é um inimigo, apenas humano e passível de erro como qualquer outro. Porém ele limita até onde a tolerância com o ideário alheio poderia ir, essa limitação encontra-se no fanatismo.

Esclarece Voltaire (2011, p. 76) que para que um governo não exerça o seu poder de punição sobre as falhas humanas, é essencial que essas falhas não sejam consideradas delitos, afinal, apenas se tornam delitos quando geram turbulência na sociedade, o que ocorre quando são motivados por fanatismo. Logo, é necessário que cada um comece por abandonar as posturas extremistas a fim de merecer a benevolência, a compreensão e a tolerância alheia.

Voltaire demonstra que a ironia é uma poderosa ferramenta para lidar com as dificuldades de maneira construtiva, sem ser subjugado pelos obstáculos, com um saudável distanciamento irônico, é possível proteger-se do fanatismo e expor seus absurdos de forma contundente, deixando seu porta-voz atônito diante de sua própria ignorância (ARAMAYO, 2022, n. p.). Em resumo, a ironia é uma profilaxia eficiente contra as adversidades, capaz de trazer clareza e lucidez em meio ao caos do mundo.

Destarte, as ferramentas descritas se consolidam como potenciais armas de obliteração ainda que parcial do fanatismo, enquanto Amós Oz traz uma perspectiva interna sobre cada um entender o seu próprio fanatismo e controlá-lo, Voltaire emerge com uma ferramenta perspicaz contra os fanáticos partícipes do convívio social, os autores convergem no que diz respeito ao bom humor em lidar com o fanatismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve por escopo compreender as bases do fanatismo político brasileiro, esse mal que acomete a sociedade brasileira e que, sobretudo, na última década tem ficado cada vez mais evidente. As eleições brasileiras de 2018 e 2022 foram o ponto chave para que o tema se demonstrasse, deveras, relevante, assim esta pesquisa que partiu de uma visão rasa do que viria a ser o fanatismo, mergulhou na história e descobriu as bases e as origens preocupantes desta chaga política que aos poucos vem sendo colorida nos espaços sociais físicos e virtuais brasileiros e dividindo a sociedade em “eles e “nós”, numa clara afronta do ideário democrático.

A ficção sempre retratou muito bem os eventos históricos como as Cruzadas, a Santa Inquisição e o Nazismo, contudo, perceber que todos esses eventos tiverem por detrás de todos os seus horrores o fanatismo, é de empalidecer. O fanatismo atual se alimenta das raízes fétidas do seu passado, milhares de confrontos e tratamentos desumanizados, realizados em nome de uma ideologia dogmática e inquestionável. Todos esses horrores puderam ocorrer por causa dos efeitos psicológicos do fanatismo, que germina nas mentes daqueles que são por ele acometidos, uma visão distorcida e irreal do outro, que passa a ser visto como o mal no mundo, o inimigo que ameaça e que deve ser varrido da humanidade.

O ponto de convergência dos eventos históricos ocorridos em nome do fanatismo, parece ter como base precípua a dominação do poder, fosse na conquista de terras ou fiéis, os fanáticos objetivam sempre submeter as pessoas ao seu mesmo conjunto de crenças, entendendo quem não as aceita como ameaças ao seu poder. O fanatismo torna o indivíduo impossível de se empatizar com o outro, em nome de sua crença ou fins justificam os meios, e as ações são legítimas se realizadas em nome da verdade divina que foi revelada.

As eleições brasileiras de 2022 foram marcadas pela utilização do ódio como política, ataques mútuos entre esquerda e direita, que em suma, embora sejam posições políticas divergentes, não bastariam para explicar todo o ódio propagando nas redes sociais e na sociedade real. A esquerda e a direita políticas surgem da discordância ideológica, mas está desde os primórdios da democracia existiu e foi crucial para a evolução do Estado. A democracia não é uma ditadura da maioria, é um espaço no qual todas as ideias devem ser discutidas e moderadas, de modo a converter cada ideia em ganhos mútuos para a sociedade.

Todavia, o fanatismo tem raízes históricas bem definidas, e suas bases corruptíveis devem ser lembradas de modo a não se esquecer as tragédias por ele causadas e identificar as novas ações que se pautam nessa chaga política. O fanatismo oblitera a capacidade crítica do fanático, o torna passível de acreditar na mais ardilosa mentira, e agir impulsivamente e

perigosamente em nome da defesa dessa ideologia. No Brasil e no mundo, o fanatismo é alimentando constantemente por informações inverídicas, preenchidas de pânico moral e de sensacionalismo, essas informações muitas vezes são passadas por autoridade da qual o fanático é seguidor, isso o deixa ainda mais vulnerável e propenso aos ataques das *fake news*.

Dados apresentados nesta monografia, destacam o impacto das redes sociais na vida das pessoas e o quanto elas podem influenciar as eleições de um país, e sabendo que nessas redes o mundo da desinformação é vasto, claramente preocupa o fato de tantas pessoas dizerem serem sofrer influência pelas informações repassadas nessas redes. Igualmente, a teoria que demonstra como as pessoas são mais propensas a acreditar em informações que estejam em consonância com suas convicções pessoais, explica porque tantas pessoas acabam acreditando nas mais absurdas teorias para satisfazer sua vontade de estar certo.

O fanatismo representa uma ameaça à democracia e os indícios disso ficam muitos claros ao se analisar a bibliografia disposta nesta pesquisa. O fanatismo ameaça a democracia quando não se consegue enxergar o outro como pessoa detentora de direitos e sim como inimigo; ameaça à democracia e as famílias quando qualquer componente do grupo familiar é destrutado, desrespeitado ou violentado por não ser partícipe de um determinado ideário político; ameaça à democracia e a educação quando crianças ainda sem entendimento sólido da realidade, reproduzem em seus colegas as más ações vexatórias típicas do fanatismo.

O fanatismo ainda ameaça à democracia e o trabalho, quando não é possível o convívio com o colega que votou em um candidato diferente do que se entende como o mais correto; ameaça o princípio da liberdade, igualdade e solidariedade, quando se deseja que o outro tenha suas liberdades cessadas por não concordar com a sua opinião, e quando se dá mais valor a uma pessoa ou outra pelo seu ideal político ou quando se deseja o mal do outro, a sua miséria etc. por se acreditar que é isso que ele merece. Mas, sobretudo, o fanatismo ameaça à democracia e a própria vida e dignidade humana, quando por não concordar com a opinião de uma pessoa, acredita-se no direito de humilhá-la e lhe retirar o seu bem jurídico mais valioso, a silenciando para todo o sempre.

O fanatismo ameaça a democracia pois todas estas ações, quando amarradas por um líder autoritário lhe dão margem para que faça a sua vontade e não a vontade do povo, de modo que aos poucos essa figura vá cerceando a liberdades dos opositores, aumentando os seus próprios poderes e aos poucos vai esmaecendo a democracia de uma Estado.

Por ser tão intolerante, o fanatismo não deve ser tolerado. Tateando soluções, essa pesquisa trouxe como ferramentas de possível obliteração do fanatismo a ironia de Voltaire e o senso de humor e imaginação de Amós Oz, ferramentas que possibilitariam respectivamente,

lidar com o fanatismo alheio e identificar e lidar com o próprio fanatismo, pois esta semente da discórdia não se encontra implantada apenas no outro, o própria suposição disso seria contraditória com o discurso de que o “outro” e o “eu” são pessoas que merecem o mesmo respeito, tem os mesmo direitos e os mesmo deveres, não são inimigos e sim pessoas que pensam e agem de forma diferente, mas que podem dialogar e progredir juntos, sem fanatismo.

Destarte, encerra-se tendo a plena noção que o fanatismo é uma das chagas políticas que aflige a sociedade brasileira e mundial, embora tenha raízes fortes, estas precisam ser desarraigadas e superadas, para que se proteja e realize a manutenção do Estado democrático de Direito, que embora imperfeito, detém mais virtudes do que qualquer outro. Na busca pela cura do fanatismo é preciso se aprofundar nos ensinamentos e experiências de Voltaire e Amós Oz, objetivando a construção de pontes em detrimento da comprovação de pontos, de modo que todo o tecido possa prosperar e desfrutar de uma nação livre, justa e solidária, na qual o fanatismo esteja, em suma, erradicado.

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES, S. *et al.* Polarização radicalizado e ruptura eleitoral. In. **Democracia em risco?**. 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDREASSA, Luiz. O que é polarização e por que é prejudicial à democracia?. **Politize**, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-polarizacao/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ANISTIA internacional. **Violência Política: as violações de direitos humanos no período eleitoral 2022**. **Anistia Internacional 2022**, Disponível em: [https://www.sbbioetica.org.br/uploads/repositorio/2022\\_10\\_02/anistia-internacional-brasil-documenta-episodios-de-violencia-politica-no-periodo-eleitoral-2022.pdf](https://www.sbbioetica.org.br/uploads/repositorio/2022_10_02/anistia-internacional-brasil-documenta-episodios-de-violencia-politica-no-periodo-eleitoral-2022.pdf). Acesso em: 15 maio 2023.

ARAMAYO, Roberto R. La ironía de Voltaire nos protege contra los fanatismos. **The Conversation** 2022. Disponível em: <https://theconversation.com/la-ironia-de-voltaire-nos-protege-contra-los-fanatismos-192818>. Acesso em: 01 jan. 2023.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, autoritarismo**. Editora Companhia das Letras, 2013.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. Editora Nova Cultural, Ltda., São Paulo, 4a. edição, 1991.

ATAQUES aos nordestinos se multiplicam nas redes sociais após 1º turno. **Correio Braziliense**, 2022. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5042354-ataques-aos-nordestinos-se-multiplicam-nas-redes-sociais-apos-1-turno.html>. Acesso em: 13 maio 2023.

BACON, Francisco. **O novo órgão**. Phoemixx Classics Ebooks, 2021.

BBC. Três casos de fake news que geraram guerras e conflitos ao redor do mundo. **BBC**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43895609>. Acesso em 17 nov. 2022.

BITENCOURT, Antonio Belamar Oliveira de. Risco e pânico moral: uma análise sociológica do medo do crime na revista Superinteressante (2008-2012). **Repositório UFSM**, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6240/BITENCOURT %2c% 20ANTONIO% 20BELAMAR% 20OLIVEIRA% 20DE.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6240/BITENCOURT%20ANTONIO%20BELAMAR%20OLIVEIRA%20DE.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 02 nov. 2022.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política I**. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale *et al.*; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

BOLSONARISTAS e apoiadores do PT entram em confronto em cidades pelo país; assista Imagens que circula. Rio de Janeiro: **O Globo**, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/video-bolsonaristas-e-apoiadores-de-lula-entram-em-confronto-em-cidades-pelo-pais-assista.ghtml>. Acesso em: 13 maio 2023.



BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 1 jan. 2023.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O paradoxo da esquerda no Brasil. **Revista Novos Estudos**, São Paulo: Cebrap, n. 74, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/CfL4dNDJTGmPcFtTWzHDkqs/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Por um partido democrático, de esquerda e contemporâneo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/8ybx3ZG8p73GDmdzbDw34Ct/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2022.

CARDOSO, Rafael. Cinco anos após assassinato, caso Marielle Franco segue indefinido. **Agência Brasil**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/cinco-anos-apos-assassinato-caso-marielle-franco-segue-indefinido>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. A era nazi e o antissemitismo. in PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla (orgs.). **Faces do fanatismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

CHAUÍ, Marilena. Cultuar ou Cultivar: cultura, socialismo e democracia. **Teoria e Debate**, n. 8, 1989. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1989/10/01/cultuar-ou-cultivar/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

CORTELLA, Mário Sérgio; RIBEIRO, Renato Janine. **Política: para não ser idiota**. Papyrus Editora, 2012.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

CRUZ, Elaine Patrícia. Denúncias de crimes com discurso de ódio na internet crescem em 2022. São Paulo: **Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-02/denuncias-de-crimes-na-internet-com-discurso-de-odio-crescem-em-2022>. Acesso em: 13 maio 2023.

DAHL, Robert A. **A democracia e seus críticos**; tradução Patrícia de Freitas Ribeiro; revisão da tradução Aníbal Mari. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

DICIO. Fanatismo. **Dicio**, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fanatismo>. Acesso em 01 nov. 2022.

DONNE, John. **Meditações**. Tradução e notas Fabio Cyrino – São Paulo: Editora Lndmark, 2007.

GARCIA, Néelson Jahr. **Dicionário Filosófico (1764)\* Voltaire (1694-1778)** Edição Ridendo Castigat Mores Versão para eBook, 2013.

GOODE, E. & BEN-YEHUDA, N. **Moral Panics: The Social Construction of Deviance**. Oxford: Blackwell Publisher. 2009.

IDOETA, Paula Adamo. Meus filhos estão apanhando e se separando dos amiguinhos por política. **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63378260>. Acesso em: 01 jan. 2023.

LEVITSKY, Steven. “Polarização extrema mata a democracia”. Deutsche Welle. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/polarizacao-extrema-mata-a-democracia/>. Acesso em: 01 maio 2023.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. Editora Contracorrente, 2022.

MACEDO, José Rivair. A guerra santa na Idade Média. *in* PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla (orgs.). **Faces do fanatismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

MACHADO, Carla. Pânico moral: para uma revisão do conceito. *Interações: Sociedade e as novas modernidades*, n. 7, 2004. Disponível em <https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/125>. Acesso em: 10 out. 2022.

MACHADO, Rosana Pinheiro; SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. **Cadernos IHU Ideas**, 2018.

MAGENTA, Matheus O que é ser conservador? **BBC**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62490540>. Acesso em: 06 out. 2022.

MAGENTA, Matheus O que é ser progressista? **BBC**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62491258>. Acesso em: 06 out. 2022.

MATTOS, Alessandro Nicoli de. O Livro Urgente da Política Brasileira. **Politize**, 2016. Disponível em <https://www.smashwords.com/books/view/655292>. Acesso em: 10 out. 2022.

NETO, José Alves de Freitas. Combate aos saberes dissonantes. *in* PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla (orgs.). **Faces do fanatismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

OZ, Amós. **Como curar um fanático: Israel e Palestina: entre o certo e o certo**. Editora Companhia das Letras, 2016.

PACETE . Luiz Gustavo. Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo. **Forbes**, 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>. Acesso em: 10 maio 2023.

REVISTA francesa aborda a "Guerra Santa" na política brasileira. . **Rfi**, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/10/21/revista-francesa-aborda-a-guerra-santa-na-politica-brasileira.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13 maio 2023.

RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. O que são e como lidar com as notícias falsas. **SUR–Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, n. 27, p. 201, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2018/07/sur-27-portugues-marcio-moretto-ribeiro-pablo-ortellado.pdf> Acesso em: 01 maio 2023.

RIBEIRO, R. J. A democracia. São Paulo: **Publifolha**, 2001.

ROSENFELD, Denis Lerrer. **O que é democracia**. Brasiliense, 2017.

ROTHBARD, Murray N. **Esquerda e direita**: perspectivas para a liberdade – São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

ROURA, Ana Maria. Por que se chamam de direita e esquerda os campos opostos na política?. **BBC**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55979311>. Acesso em: 05 out. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Editora Companhia das Letras, 2019.

SIGNIFICADOS. Significado de Democracia. **Significados**, 2022. <https://www.significados.com.br/democracia/>. Acesso em: 31 out. 2022.

SOLANO, Esther et al. (Ed.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. Boitempo Editorial, 2018.

SOUZA, Felipe Souza. Famílias rompidas pelas eleições: ‘Você não é mais bem-vindo’, diz mãe de jovem. São Paulo: **BBC**, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/10/21/revista-francesa-aborda-a-guerra-santa-na-politica-brasileira.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13 maio 2023.

SPECHOTO, Caio. SOARES, Gabriella. Bolsonaroistas invadem Palácio do Planalto. **Poder360**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaristas-invadem-palacio-do-planalto/>. Acesso em: 10 maio 2023.

TORMEY, Simon. **Populismo**: uma breve introdução. Editora Cultrix, 2019.

TRIBUNAL, da Justiça do Estado do Paraná. **O perigo das fake news**. Paraná, 2022. Disponível em: [https://www.tjpr.jus.br/noticias-2-vice/-/asset\\_publisher/sTrhoYRKnIQe/content/o-perigo-das-fake-news/14797?inheritRedirect=false](https://www.tjpr.jus.br/noticias-2-vice/-/asset_publisher/sTrhoYRKnIQe/content/o-perigo-das-fake-news/14797?inheritRedirect=false). Acesso em: 04 nov. 2022.

TYKWER, Tom; WACHOWSKI, Lana; WACHOWSKI, Lana. **Cloud Atlas**. *Cloud Atlas Productions*, 2012.

VOLTAIRE. **Tratado sobre a tolerância**: por ocasião da morte de Jean Calas (1763) [recurso eletrônico] / Voltaire; tradução de William Lagos. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

## RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

**DISCENTE:** Rogelho Sobrinho da Silva

**CURSO:** Direito

**DATA DE ANÁLISE:** 22.05.2023

### RESULTADO DA ANÁLISE

#### Estatísticas

Suspeitas na Internet: **0,54%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet [▲](#)

Suspeitas confirmadas: **0,54%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados [▲](#)

Texto analisado: **95,57%**

*Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).*

Sucesso da análise: **100%**

*Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.*

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.8.5  
segunda-feira, 22 de maio de 2023 16:57

### PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho do discente **ROGELHO SOBRINHO DA SILVA**, n. de matrícula **30904**, do curso de Direito, foi aprovado na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 0,54%. Devendo o aluno fazer as correções necessárias.

Assinado digitalmente por: Herta Maria de A?ucena do  
Nascimento Soeiro  
Razão: Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

(assinado eletronicamente)  
**HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO**  
**Bibliotecária CRB 1114/11**  
Biblioteca Central Júlio Bordignon  
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA